

Capítulo I

Montanhas Adirondack
North Creek, Nova York - 1880

— Há quanto tempo ele está na cidade? — Os olhos de Hannah Jackson se arregalaram, enquanto olhava além das fileiras de condimentos, tecidos e outros itens domésticos. Através da ampla vitrine da frente da mercearia, observava o homem que saía do hotel. A visão lhe fazia o sangue ferver.

— Está se referindo a Chase Malone? — Atrás do balcão de carvalho, Mabel Curtis interrompeu o registro no inventário para lhe seguir o olhar. Hannah assentiu com um gesto de cabeça.

— Chegou ontem — afirmou Mabel, indiferente. — Precisa de mais alguma coisa?

Hannah voltou a atenção mais uma vez a Mabel.

— Não. Isso é tudo — respondeu, contornando o balcão e suspendendo a última caixa pesada de mercadorias nos braços. Em seguida, girou e saiu da loja. As botas ecoando contra a madeira, enquanto cruzava a calçada de tábuas. Pousou a caixa na parte traseira da carroça e ergueu o olhar bem a tempo de ver Chase Malone descendo a estrada de terra que servia de atalho para chegar à rua principal. Hannah empurrou a aba larga do chapéu de feltro preto para baixo, cobrindo a testa e protegendo os olhos do sol do meio-dia. Preferia observá-lo sob a sombra do chapéu. Apenas olhar a forma com que ele se encaminhava em sua direção, com passadas firmes e cadenciadas, lhe fazia a raiva fervilhar. As pernas longas e musculosas se moviam com destreza, fechando facilmente a distância entre eles. Trajava calça comprida preta, camisa de algodão branca e um sobretudo que lhe chegava à altura das coxas. Provavelmente, abria mão de seus ternos e gravatas no momento em que descera da diligência em Albany, pensou Hannah.

Naquele dia, ela não estava disposta a manter uma conversa educada com tipos como sr. Malone.

— Bastardo arrogante. — O epíteto lhe escapou dos lábios carnudos, enquanto ela girava e voltava à loja para pagar a conta.

Julgara que os cidadãos decentes de North Creek haviam visto o sr. Malone pela última vez, quando ele partira no ano anterior. Aquele homem não passava de um caçador de fortunas, que trabalhava para

outro caçador de fortunas. A última vez em que estivera em North Creek, o sr. Malone conseguira ludibriar os vizinhos descentes e trabalhadores de Hannah no que lhes pertencia por direito.

O sr. Malone e a Companhia de Mineração Tyler queriam comprar todo o minério e direitos de mineração de cada propriedade de North Creek. Se não fosse o pequeno lucro que a mina proporcionava à cidade, Hannah amaldiçoaria as pedras granadas que se encontravam enterradas no topo das montanhas Adirondack no estado de Nova York.

Queria impedir a Mineração Tyler de explorar as montanhas ali em North Creek. Detestaria que sua cidade natal acabasse como Maple Gorge. A cidade, a oitenta quilômetros a leste, fora destruída pela empresa de mineração. Não só haviam explodido as encostas das montanhas como tinham feito os vizinhos entrarem em confronto uns contras os outros.

Hannah parou quando alcançou o balcão. De costas para a porta, se inclinou para limpar um pouco de poeira da calça de brim azul.

— Bom dia, senhoras.

Hannah virou-se. A poeira e a conta rapidamente esquecidas. Sentiu a face aquecer e enrubescer quando percebeu a direção do olhar do sr. Malone. Tinha vontade de eliminar aquele sorriso tolo do rosto bem escanhoadado a sua frente.

Devia estar usando uma saia de equitação em vez da calça comprida que não conseguia disfarçar suas curvas femininas. Porém, dirigira até a cidade para encher a carroça de suprimentos e não para passar o dia em companhia de um cavaleiro.

Aprumando as costas, ela o fitou diretamente nos olhos, recusando-se a se deixar intimidar. Pelo mais breve dos instantes, sentiu a confiança do sr. Malone vacilar e se forçou a continuar encarando aqueles olhos cinza e metálicos.

A amargura se refletia em cada palavra quando, por fim, Hannah encontrou a voz.

— Diga-me, sr. Malone, está aqui para ludibriar mais pessoas honestas, para que deixem suas terras?

— Espero que essa não seja a forma como cumprimenta todos os visitantes de sua pitoresca cidade montanhosa. O sarcasmo não lhe cai bem.

O olhar frio lhe percorreu cada centímetro do corpo. Hannah se encontrou fitando os olhos cinza outra vez, quando ele ergueu o rosto para encará-la. No mesmo instante, sentiu o rubor se espalhar do pescoço ao queixo e mais acima, corando-lhe as faces.

— Como estão seus avós? — perguntou ele, parecendo alheio ao desconforto que lhe causava.

Hannah se viu tentada a não responder, mas decidiu que o melhor modo de lidar com o sr. Malone seria de forma direta.

— Bem. — Caprichando no sotaque que adquirira em Boston, enquanto estivera no internato, ela inclinou a cabeça levemente para trás. — Gostaria que não se aproximasse deles ou de nossa propriedade.

— Ora, ora, srta. Hannah, está mesmo mal-humorada esta manhã. — Ele sorriu.

O sr. Malone estava de fato se divertindo com aquele diálogo.

— Deve se referir a mim como srta. Jackson. E não respondeu a minha pergunta.

Malone deu dois passos em direção a ela, parando na extremidade do balcão e retirando a tampa de metal de um pote de doces, repleto de bengalas de hortelã nas cores branca e vermelha.

— Quanto a estar aqui para ludibriar seus amigos e os tirar de suas terras. — Ele fez uma breve pausa, como se estivesse ponderando a pergunta e, em seguida, repôs a tampa do pote. — Não estou tirando nada dos decentes moradores de North Creek. Qualquer um que queira fazer negócio com a Companhia de Mineração Tyler, receberá mais do que o preço justo por parte do meu patrão.

— Bem, pode se privar do trabalho de ir à propriedade Jackson. Meu avô não está interessado em nenhuma oferta!

— Quer dizer que agora toma todas as decisões pela família? — Quando Hannah não respondeu, ele cruzou os braços sobre o peito e prosseguiu: — Entendo. Muito bem, srta. Jackson, parece que temos um negócio a concluir.

A afirmação pairou na atmosfera como o ar condensado em uma manhã gelada. Perplexa, Hannah manteve a boca fechada e se voltou ao balcão para pagar a conta. Quando terminou, ergueu o último saco de feijões secos e se encaminhou à porta.

— Tenha um bom dia, sr. Malone. — Na pressa em partir, o braço de Hannah esbarrrou no dele. A fragrância de sabonete de sândalo e tabaco lhe provocou as narinas, fazendo seus sentidos oscilarem.

Rapidamente, prosseguiu em direção à porta dupla de vidro.

— Oh, Hannah, não esqueça que você e seus avós estão convidados para o jantar deste sábado! — A sra. Curtis gritou, enquanto ela deixava a mercearia. — Julia está ansiosa por lhe contar sobre os preparativos para o casamento!

— Estaremos lá, sra. Curtis. Acha dezoito horas muito cedo? — perguntou Hannah, olhando por sobre o ombro, enquanto abria a porta.

— Dezoito horas está ótimo.

— Nós nos veremos, srta. Jackson. — Malone sorriu, enquanto erguia

o chapéu em um cumprimento.

Hannah o ignorou e saiu da loja. Atirou a saca de feijões sobre a de farinha e, em seguida, subiu no assento da carroça. Segurando as rédeas, incitou a égua a se pôr em movimento. Determinada a aproveitar o que restava da agradável tarde de primavera, tentou, em vão, afastar da mente qualquer pensamento relativo a Chase Malone.

Havia dirigido apenas até as cercanias da cidade, quando sentiu a raiva e o ressentimento por aquele homem fervilharem em seu íntimo. Os pensamentos espiralavam em sua mente como se erguidos por um tornado. Que audácia do sr. Malone em sugerir que havia negócios pendentes entre eles!

Chase parou à soleira da porta aberta da mercearia e observou a poeira levantar atrás da carroça. Hannah Jackson não só ficava estonteante em trajes masculinos, mas também sabia como manejar aquele veículo.

Pensando sobre o diálogo recente, percebeu que ela também não temia a franqueza. Sabia que se a srta. Jackson permanecesse naquele cenário, poderia esperar a maior batalha de sua vida, quando chegasse o momento de concluir aquele trabalho. Não podia culpá-la por ser tão protetora em relação a sua propriedade. Se estivesse no lugar de Hannah Jackson, faria qualquer coisa para resguardar o que lhe pertencia.

Voltou para dentro da loja e comprou um pouco de tabaco e papel para enrolar. Em seguida, colocou os itens no bolso do paletó e saiu.

Parou na calçada de tábuas e observou a rua. A pequena cidade de North Creek tinha tudo o que uma pessoa pudesse necessitar. A pequena rua principal possuía uma taverna, que também servia de hotel, uma barbearia, uma pequena construção de tijolos que abrigava o banco, a estação das diligências, o departamento do xerife e a mercearia. Atrás da estação das diligências havia uma grande estrebaria, que servia ao mesmo tempo como local de aluguel de carruagens e ferraria.

Girando, Chase se dirigiu ao departamento do xerife. Mulheres, com crianças pequenas em seus encaços, dirigiam-se à mercearia e dois cavalheiros cruzavam a rua para entrar no banco. Não ficariam os cidadãos de North Creek surpresos se soubessem sua verdadeira identidade e o que o trouxera ali?

Trabalhava para a Empresa de Mineração Tyler havia quase quatro anos. Claro que não “trabalhava” realmente para a Mineração Tyler. Não, tinha um patrão muito mais persuasivo do que Harold Tyler. Até onde sabia, todos naquela cidade acreditavam que ele era encarregado de comprar todos os direitos de mineração das terras que a Mineração Tyler

julgava terem potencial minerário.

Chase sorriu ao lembrar-se de como era convincente a farsa que desempenhava. Obviamente Hannah Jackson e seus vizinhos não tinham a menor noção do que realmente estava acontecendo naquelas montanhas. Sempre soubera mentir... Não, talvez “mentir” fosse uma palavra muito forte. Detestaria dizer que era um bom mentiroso, mas desde criança, sempre fora mais capaz que os outros em enganar as pessoas. Durante os últimos oito anos, ganhava uma fortuna só para fazer isso.

Até onde sabia, ninguém suspeitava de nada fora do normal. Hannah ainda tinha a impressão de que ele queria os direitos de mineração dos Jackson e Harold Tyler ainda o via apenas como mais um funcionário de sua empresa. Do contrário, por que o enviaria de volta àquele local para concluir o trabalho?

Subiu os degraus da varanda que flanqueava o departamento do xerife. Seria capaz de soltar uma gargalhada diante do absurdo daquela situação. Lá estava ele, um menino nascido e criado na cidade, entocado no meio daquelas montanhas esquecidas por Deus, sabia-se lá por quanto tempo desta vez. Tyler dissera-lhe para não retornar à cidade de Nova York até que conseguisse os direitos de mineração dos Jackson, os quais ele não tinha intenção de obter.

Estacou do lado de fora da porta, alisou a aba do chapéu de feltro preto de cowboy e ajustou as lapelas do paletó. Girando a maçaneta de bronze, entrou no escritório empoeirado. O xerife Curtis se ergueu da cadeira que ocupava atrás da mesa de carvalho manchada, enquanto Chase se aproximava.

— Então, sr. Malone. Vejo que recebeu meu recado.

Chase demorou um instante para ajustar a visão à penumbra da sala. Um pequeno fogão bojudo se encontrava recostado a um dos cantos do escritório. Atrás da mesa do xerife havia um quadro de madeira crua com quatro retratos de foragidos procurados pregados, meio rasgados e pregados com taxas.

Percebendo que o xerife esperava sua resposta, Chase lhe dirigiu o olhar.

— O recepcionista do hotel me comunicou quando eu estava saindo, esta manhã.

— Sente-se. — O xerife esperou até que Chase obedecesse. — Como Jeb o está tratando?

Jeb Daley era dono do Hotel North Creek, embora Chase não concordasse em classificar aquele estabelecimento como tal. Ao menos não para os padrões da cidade de Nova York. Tão rústica quanto um celeiro, a cabana construída com toros de madeira e fachada se erguendo

vários centímetros acima do cume do telhado, parecia ter sido arremessada no meio das montanhas Adirondack, sem levar em conta a locação.

Porém, os quartos eram limpos e confortáveis. E naquele momento, não podia esperar coisa melhor.

Os lábios de Chase se curvaram lentamente em um sorriso.

— Minhas acomodações são apropriadas.

— Não como estava acostumado na cidade grande, certo? — O xerife sorriu como se estivesse a par de um grande segredo.

Chase retirou o chapéu e deslizou os dedos pelos cabelos despenteados.

— Certamente não perdeu tempo em me chamar. Por que não me conta por que quis me ver?

— Gosto de vigiar de perto os visitantes da minha cidade. É só — o senhor robusto acrescentou, dando de ombros em um gesto displicente.

Chase possuía sérias apreensões quanto às palavras do xerife. Fitou o homem mais velho diretamente nos olhos.

— Não infringi nenhuma lei.

— O senhor não, mas seu patrão é outra história. — Chase presumiu que ele estivesse se referindo a Harold Tyler. — Andei fazendo algumas perguntas por aí, desde que estive na cidade pela última vez.

— E?... — Chase sustentou o olhar do xerife, tentando suprimir uma crescente sensação de mal-estar. Seria possível que o xerife tivesse descoberto algo sobre ele?

— E não gosto do que estou escutando. Ao que parece, o último local que a Mineração Tyler explorou teve seu número de habitantes reduzido, depois que a companhia saiu de lá.

Chase não era tolo de dizer sequer uma palavra. Havia muito suspeitava de que Tyler matara aqueles dois homens em Maple Gorge. Não possuía provas e tinha certeza de que o xerife Curtis também não. Provavelmente queria tirar informações dele.

— Está insinuando que tive algo a ver com aqueles desaparecimentos? — perguntou em tom de voz frio, relanceando o olhar às fotos dos procurados e de volta ao xerife.

— Não. Estou dizendo que esta é uma cidade pequena e não podemos nos dar ao luxo de perder contribuintes. — O sorriso frouxo que curvou os lábios do xerife não se expressou nos olhos. — Do meu ponto de vista, seu trabalho é garantir que nosso censo demográfico permaneça o mesmo após a partida da Mineração Tyler. Salvo, claro, os nascimentos e mortes de causas naturais.

Alguns momentos se passaram antes que Chase respondesse. Sabia exatamente o que o xerife estava insinuando.

— Está me pedindo para ser um agente deste posto?

— Algo parecido. A meu ver, nós poderíamos ter essa conversa rotineiramente. Quero apenas que me mantenha informado. Dessa forma, posso proteger e servir melhor a minha cidade.

— Acho que não está me dando escolha?

— Não.

Não o preocupava o fato de deixar o xerife informado, mas sim de levantar suspeitas, caso se recusasse.

— Xerife, suponho que o senhor entenda que não tenho obrigação de lhe dizer nada de bom ou ruim sobre meu patrão.

— Estava esperando que o senhor reconsiderasse meu pedido. Vou lhe dizer uma coisa, sr. Malone, minha esposa está organizando um jantar para este sábado. Por que não se junta a nós?

Chase sorriu. O xerife podia ser robusto e grande, mas conhecia a arte da manipulação. Recusar o convite não era uma opção.

— A que horas?

— Dezoito horas.

Erguendo-se da cadeira, Chase esticou o braço e, educadamente, apertou a mão do xerife.

— Sábado, então.

— Tenha um bom dia, Malone. — O xerife Curtis o dispensou com um gesto de cabeça.

Chase estava sorrindo quando deixou o posto policial. Hannah Jackson não tinha ideia de que estaria em sua companhia no sábado à noite.

A carroça era sacudida por solavancos no trajeto pela estrada rochosa que levava à propriedade Jackson. Hannah reconhecia o quanto era afortunada por viver em um lugar tão agreste quanto aquele. As encostas das montanhas eram altas e íngremes e as colinas onduladas eram cortadas por leitos de estradas estreitas e sulcadas. Tudo isso formava um grande contraste com as ruas de pedras arredondadas e construções de arenito avermelhado de Boston.

Era difícil acreditar que passara uma boa parte dos últimos quatro anos na Escola para Moças da Sra. Hart. Tinha plena ciência de como as colegas de Escola de Boston, com a afetação de Beacon Hill, iriam segregá-la se a vissem trajando calça comprida masculina e blusa de algodão azul. Talvez a considerassem até mesmo indecente. Sim, talvez, mas ali em meio à região rural, um vestido de algodão fino estaria arruinado no fim do dia.

— Hannah! Aí está você!

Manobrando a carroça sobre o caminho sulcado, ela se dirigiu aos

fundos da casa da fazenda. Descendo do assento, amarrou a égua na estaca de madeira e contornou a carroça em direção à parte traseira, de onde retirou os sacos de farinha.

— Hannah querida, deixe essa tarefa para seu avô e para Mike. Entre e tome uma xícara de chá.

Hannah sorriu, agradecida. A avó se encontrava parada sobre o degrau de ardósia, esperando. Uma mecha dos cabelos prateados se soltara do coque e encostava levemente ao osso malar. Com a mão enrugada, ela a afastou para trás.

— Obrigada, vovó. — Hannah exalou um suspiro fatigado. Não estava disposta a descarregar a carroça. Ansiava por afastar os pensamentos sobre Chase Malone e escapar para a segurança paradisíaca da casa dos avós.

A perna roçou um dos arbustos gêmeos de lilases que emolduravam a varanda dos fundos. A fragrância doce das flores púrpura lhe fez cócegas no nariz.

Enquanto seguia a avó para o interior da casa, mais uma vez pensou o quanto era afortunada. Os avós a criavam desde a morte dos pais em uma avalanche, anos atrás. Matthew e Clara Jackson eram devotados a ela, a única neta.

— Hannah, por que não utilizamos seu bule de chá?

— Isso seria ótimo. — Hannah adorava os avós. Eram seu alicerce. O amor incondicional que lhe devotavam a fizera superar a pior fase de sua vida.

Com um sorriso de agradecimento, ela esticou a mão para o bule de porcelana que a avó lhe entregava. Em seguida, posou-o em uma das extremidades da longa mesa de tábuas corridas. Encaminhou-se ao aparador de pinho e esticou a mão para erguer a aldrava da porta de vidro. A cobiçada coleção de porcelanas azuis era o único legado que a mãe lhe deixara. Hannah colocou duas xícaras e dois pires no aparador e, abrindo a gaveta de cima, retirou de lá uma toalha de mesa de linho branco.

Estendeu a toalha cuidadosamente, cobrindo uma das extremidades da mesa e, em seguida, dispôs o restante do serviço de chá. Ela amava aquelas horas tranquilas ao lado da avó. No entanto, sabia que as únicas ocasiões em que usavam o serviço de chá era quando Clara Jackson percebia que algo estava afligindo sua neta.

— Podemos sentar? Acho que o chá está pronto.

— O aroma está delicioso. Está experimentando o sabor de ervas outra vez? — Hannah dirigiu um sorriso afetuoso à avó.

— Achei que poderíamos testá-los novamente.

Hannah teve de reprimir uma careta ao se lembrar da última vez que haviam tentado fazer um chá de ervas. As folhas permaneceram por muito tempo em infusão e a bebida acabou por ficar extremamente amarga. Para seu alívio, aquele bule de chá tinha um aroma agradável.

Segurou a xícara enquanto a avó servia o líquido vaporoso com fragrância de hortelã. Em seguida, vagarosamente, levou a borda fina da xícara aos lábios.

— Isso é delicioso. — Tentou suprimir o tom de surpresa na voz.

— Obrigada, minha querida. — A avó tomou um gole do chá e sorriu. — Tem razão. Está ótimo. Se ao menos eu me lembrasse de como preparei a receita! — Hannah sorriu, deleitada, pousou a xícara no pires e observou a avó fazer o mesmo. — Conte-me como foi sua viagem à cidade? Tranquila, espero?

Hannah sustentou o olhar inquisitivo da avó e franziu a testa.

— Não diria que foi tranquila. Chase Malone está de volta.

A avó suspirou.

— Você sabia que ele voltaria mais cedo ou mais tarde. Ele tem um trabalho a fazer. E seu avô parece gostar muito dele.

— Não entendo por quê. O sr. Malone quer nossa terra. Foi o que afirmou na última vez que esteve aqui. — Hannah sentiu a face enrubescer de raiva. — E insinuou o mesmo quando o encontrei na mercearia de Mabel Curtis.

— Ele não quer a terra e sim os direitos de mineração. Os McCleary fizeram um acordo bastante lucrativo com a Mineração Tyler.

— Esta é nossa cidade natal. Acho que não deveríamos deixá-lo chegar aqui e depenar as encostas das montanhas. — Hannah sabia que não devia levantar a voz, mas não conseguia se conter.

— Você não deveria se preocupar. Seu avô resolverá esse problema.

A austeridade no tom de voz da avó sinalizava que o assunto estava acabado. Brincando com a bainha da toalha de linho, Hannah imaginou como poderia fazer Clara Jackson entender que tinha de se preocupar com aquilo. Não queria ver sua região devastada e arruinada pela mineração. Simplesmente não podia deixar que a Companhia de Mineração Tyler mudasse isso.

— Que tal a aparência dele?

— Ele, quem? — perguntou Hannah, fingindo inocência.

A avó sorriu como um gato Cheshire.

— Ora, o sr. Malone, claro!

— A mesma de quando esteve aqui da última vez. — Hannah sabia que a resposta não deixara a avó satisfeita. Suspirando, continuou: — Parece gozar de boa saúde. — Remexeu-se na cadeira, recordando a

forma como os cabelos castanho-escuros encaracolavam sob a aba do chapéu.

Estava vívido em sua mente o modo como os olhos cinza retinham o sorriso quando os lábios não mais o exibiam, a forma como ele tinha percorrido seu corpo com o olhar. Não podia esquecer o estranho ritmo das batidas de seu coração, quando ele entrara na mercearia de Mabel Curtis.

— Pelo que me lembro, ele era um belo homem.

— Ainda é — Hannah resmungou em tom de voz baixo e ergueu a xícara de chá para tomar outro gole. — Vovó, não quero mais falar sobre ele. — Aquele assunto a deixava confusa.

— Acho-o um homem muito interessante.

Interessante não era a palavra que Hannah escolheria para descrevê-lo. Astuto, arrogante, perigoso. Tais palavras seriam mais adequadas em sua opinião.

A avó ergueu o corpo rechonchudo da cadeira.

— Tenho de colocar a carne de veado para assar se a quero pronta para o jantar.

Hannah retirou a mesa e se encaminhou à pia. Um silêncio confortável se abateu entre as duas mulheres, enquanto executavam suas tarefas. Ela secou o interior do bule de chá com um pano macio, enquanto a avó adicionava algumas rodelas de cebola ao assado.

— Por que não usa seu vestido amarelo no jantar desta noite? Aquele com rendas nas mangas.

Hannah ergueu a cabeça rapidamente.

— Não vamos receber ninguém para jantar, certo? — Não acreditava que a avó tivesse convidado um dos vizinhos para jantar.

— Não, querida. Quero apenas que não perca o hábito de se vestir como uma moça deveria.

Hannah sorriu. A avó não aprovava o fato de a neta se vestir com roupas masculinas.

— Obrigada pelo chá. — Abraçou a avó. — Ao menos desta vez conseguimos bebê-lo — acrescentou com um sorriso.

— Não há de que, querida.

Hannah acabou de guardar os pratos e se dirigiu a seu quarto. Embora a avó tivesse se esforçado para lhe sossegar a mente, ainda imaginava o que Chase Malone faria a seguir.